

44 - Henrique Aragão, um nome festejado na Austrália

Joffre Marcondes de Rezende

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

REZENDE, JM. *À sombra do plátano: crônicas de história da medicina* [online]. São Paulo: Editora Unifesp, 2009. Henrique Aragão, um nome festejado na Austrália. pp. 367-370. ISBN 978-85-61673-63-5. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

Henrique Aragão, um Nome Festejado na Austrália

Proliferação de coelhos em Wardang Island, Austrália, 1938.

Dentre os pesquisadores do Instituto Oswaldo Cruz, Henrique de Beaurepaire Rohan Aragão é um nome de destaque na comunidade científica internacional por duas grandes descobertas: o ciclo exoeritrocitário do parasito da malária e a mixomatose do coelho, que permitiu o controle biológico desse roedor na Austrália.

Seu sobrenome francês é de origem materna em terceira geração. Seu avô materno, marechal Henrique de Beaurepaire Rohan, já era brasileiro e teve ativa participação na vida política e cultural da nação, tendo sido cartógrafo e autor de um dicionário de vocábulos brasileiros (Aragão, 1986, pp. 375-379).

A vida de Henrique Aragão é parte da história de Manguinhos. Nascido em Niterói em 1879, concluiu o curso médico na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 1905. A exemplo de Carlos Chagas, desenvolveu sua tese de doutoramento no Instituto Oswaldo Cruz, ao qual ligou-se desde 1903, ainda como estudante, ali permanecendo até sua aposentadoria, galgando todas as posições naquela Instituição, desde assistente, chefe de serviço, professor e, finalmente, diretor (Bacellar, 1963, pp.185-188).

Em 1907, quando contava 28 anos de idade, ao estudar a malária aviária no pombo realizou sua primeira grande descoberta, a do ciclo exoeritrocitário do hematozoário (*Haemoproteus columbae*), antecipando a ocorrência de idêntico ciclo na malária humana, o que foi comprovado, trinta anos depois, pelo cientista inglês Percy Garnham ao descrever o ciclo hepático do plasmódio (Aragão, 1908, pp. 409-416).

Olympio da Fonseca Filho narra que, ao visitar o Instituto de Medicina Tropical de Hamburgo, em 1952, ouviu do decano dos protozoologistas alemães, prof. Reichnow, palavras de elogio e admiração pelo trabalho de Henrique Aragão, “tão jovem e já famoso” (Fonseca Filho, 1973, p. 43).

Em 1909 e 1910 Aragão realizou estudos na França e na Alemanha, especialmente no Instituto Zoológico de Munique. Ao retornar ao Brasil, dedicou-se inteiramente à pesquisa, interessando-se por diversos campos do conhecimento. Sua produção científica é abrangente e diversificada nas áreas da parasitologia, virologia e biologia em geral. Ocupou-se tanto da pesquisa aplicada aos problemas de saúde pública da época, conforme a orientação do instituto, quanto da pesquisa básica, quando dispunha de tempo.

Trabalhou na profilaxia da malária e desenvolveu estudos sobre a leishmaniose tegumentar, amebíase intestinal, parasitoses do homem e dos animais, febre amarela e outras viroses.

Em 1911 teve sua atenção despertada para o mixoma do coelho, doença letal que acomete esta classe de roedores e que havia sido descrita por Sanarelli em Montevidéu, em 1896. Estudando-a em coelhos de seu laboratório, verificou ser a mesma produzida por um vírus que poderia ser transmitido de um animal a outro pela picada de insetos. Essa descoberta teve repercussão internacional e beneficiou especialmente a Austrália.

Para compreender o alcance da identificação e isolamento do vírus do mixoma do coelho, é necessário conhecer um pouco da história da introdução desse roedor na Austrália e suas consequências.

Em 1859, um inglês, Thomas Austin, que se mudara para a Austrália, importou da Inglaterra 24 coelhos silvestres para que se reproduzissem e ele pudesse continuar a praticar seu esporte preferido – a caça. Os coelhos encontraram na Austrália clima e condições ideais para se reproduzirem e proliferaram de maneira incontrolável, tornando-se uma praga. Devastavam as plantações e a vegetação nativa, competindo com outros mamíferos her-

bívoros, causando redução dos rebanhos de carneiro e declínio da produção da lã, provocando erosões do solo e diminuição da produção agrícola. A população os combatia pela caça, armadilhas, envenenamento, sem qualquer resultado prático.

Em 1919, Henrique Aragão escreveu ao governo da Austrália, sugerindo o controle biológico, inoculando alguns coelhos com o vírus do mixoma, que ele havia isolado e que se prontificava a fornecer, introduzindo no país uma doença altamente letal para o coelho. As autoridades sanitárias da Austrália relutaram por muitos anos a importar o vírus, temendo consequências imprevistas. Somente em 1950, graças a persuasão de cientistas australianos, o governo decidiu autorizar o método proposto por Aragão. Ao final de dezembro de 1950 foram inoculados alguns coelhos que foram soltos. O vírus se espalhou rapidamente pelo país, causando verdadeira epidemia de mixomatose entre os coelhos. A população de roedores, estimada em seiscentos milhões de animais, foi rapidamente reduzida para cerca de cem milhões, permitindo a revegetação do solo e o restabelecimento do equilíbrio ecológico em muitas regiões. Posteriormente, verificou-se queda da mortalidade dos coelhos infectados em 50%, ou por mutação do vírus ou pela imunidade adquirida dos animais.

Em seus estudos sobre a leishmaniose tegumentar, Aragão demonstrou, pela primeira vez, a possibilidade de sua transmissão por flebótomos; ao estudar as doenças eruptivas virais da infância, comprovou que a varicela e o alastrim são causados por vírus distintos; descreveu parasitos de plantas e ainda desenvolveu uma vacina contra a espiroquetose aviária.

Em 1928 surgiu nova epidemia de febre amarela no Rio de Janeiro e Aragão, embora sem êxito, trabalhou exaustivamente na tentativa de produzir uma vacina antiamarílica, chegando a passar noites em seu laboratório em Manguinhos.

Para coroamento de sua carreira, Henrique Aragão foi diretor do Instituto Oswaldo Cruz de 1942 a 1949. Em sua administração, o instituto, dando continuidade às propostas do Serviço de Estudo das Grandes Endemias criado por Evandro Chagas, expandiu suas atividades no interior do país com a criação do posto de saúde para estudo da esquistossomose em Pernambuco e o posto para estudo da doença de Chagas, em Bambuí, Minas Gerais, hoje Centro Avançado de Estudos Emmanuel Dias. Neste centro foram feitos

importantes estudos clínicos e epidemiológicos sobre a tripanossomíase e iniciadas as primeiras experiências de combate aos triatomíneos pela borrifação das casas com inseticidas de ação residual.

Também na sua administração, no período da Segunda Guerra Mundial, o instituto ampliou sua produção industrial de medicamentos e iniciou a fabricação da penicilina. Com a penicilina ali produzida, em ampolas de apenas trezentas unidades, Nery Guimarães descobriu a cura da bouba, hoje praticamente extinta do país.

Aposentado compulsoriamente por idade em 1950, Aragão dedicou os últimos anos de sua vida ao estudo e classificação dos ixodídeos (carrapatos). Permaneceu em atividade até uma semana antes de seu falecimento, que se deu a 26 de fevereiro de 1956, aos 77 anos (Aragão, 1986).

O Instituto de Medicina Tropical de Hamburgo outorgou-lhe a medalha Noth, láurea só concedida a cientistas que tenham se destacado por contribuições relevantes à medicina tropical.

O Instituto Oswaldo Cruz possui um pavilhão com o seu nome e o homenageou com dois seminários em sua memória, o primeiro em 1979, no centenário de seu nascimento, e o segundo em 2007, em comemoração ao centenário de sua descoberta do ciclo exoeritrocitário do parasito da malária.

Referências Bibliográficas

- ARAGÃO, H. B. A. “Sobre o Ciclo Evolutivo e a Transmissão do *Haemoproteus culumbae*”. *Revista Médica de S. Paulo*, 11 (20), pp. 409-416, 1908.
- ARAGÃO, M. B. “Henrique de Beaurepaire Rohan Aragão”. *Cadernos de Saúde Pública*, 2 (3), pp. 375-379, 1986.
- BACELLAR, R. C. *Brazil's Contribution to Tropical Medicine and Malaria*. Rio de Janeiro, Gráfica Olímpica Editora, 1963.
- FONSECA FILHO, O. “A Escola de Manguinhos”. In FALCÃO, E. C. *Oswaldo Cruz. Monumenta Historica*. São Paulo, *Brasiliensia Documenta*, t. 11, 1973.